

Tomando Decisões Bíblica

Lição 7

A Perspectiva Situacional:
Entendendo Os Fatos



thirdmill

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millennium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitadores professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite www.thirdmill.org.

Conteúdo

I. Introdução	1
II. Deus	2
A. Autoridade	2
1. Absoluta	2
2. Exclusiva	3
3. Exaustiva	3
B. Controle	4
1. Soberano	4
2. Moral	5
C. Presença	6
1. O Rei da Aliança	6
2. Senhor Encarnado	7
3. Espírito Ministrador	8
III. Criação	10
A. Preternatural	10
1. Habitantes	11
2. Guerra Espiritual	12
B. Natural	13
1. Criação	13
2. Queda	14
3. Redenção	15
IV. Humanidade	16
A. Sociedade	16
1. Solidariedade	16
2. Semelhanças	19
3. Comunidade	20
B. Indivíduos	21
1. Personagem	22
2. Experiências	22
3. Corpo	23
4. Papéis	24
V. Conclusão	25

Tomando Decisões Bíblicas

Lição 7

A Perspectiva Situacional: Entendendo Os Fatos

INTRODUÇÃO

Um dos detetives mais famosos da literatura inglesa é Sherlock Holmes. O fictício Sherlock Holmes era um consultor muito inteligente que ajudava a polícia a resolver casos difíceis. E o brilho de Holmes na resolução de casos era reconhecido de duas maneiras. Por um lado, ele tinha grandes poderes de observação para que o levavam a descobrir todos os detalhes factuais relevantes de um caso. E por outro lado, ele era incrivelmente lógico para entender como esses fatos se relacionavam com o crime que ele estava tentando resolver. Bem, de certa forma, tomar decisões bíblicas exige que os cristãos sejam como Sherlock Holmes. Temos que identificar muitos detalhes factuais. E também temos que descobrir como todos esses fatos estão relacionados às questões éticas que estamos tentando responder.

Esta é a sétima lição da nossa série Tomando Decisões Bíblicas, e nós a intitulamos “A Perspectiva Situacional: Entendendo os Fatos”. Nosso objetivo nesta lição é identificar os principais componentes das situações éticas que encontramos no mundo moderno, e explicar como cada componente se baseia nas decisões éticas que devemos tomar.

Ao longo dessas lições, nosso modelo para tomar decisões bíblicas tem sido o julgamento ético envolvendo a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. Essa visão da ética nos lembra que existem três perspectivas principais que devem ser consideradas em cada questão ética: um enfoque na palavra de Deus que chamamos de perspectiva normativa; um foco na pessoa que chamamos de perspectiva existencial; e um foco na situação que chamamos de perspectiva situacional. Até aqui, nos concentramos em vários aspectos da perspectiva situacional, e nesta lição analisaremos mais a fundo essa dimensão situacional da ética cristã.

Você deve se lembrar de que, nas lições anteriores, identificamos os elementos mais básicos de nossa situação ética como fatos. Esses fatos incluem tudo o que existe. Além disso, identificamos dois tipos especiais de fatos que são particularmente importantes na ética. Primeiro, falamos de nossos objetivos, que são os resultados pretendidos ou potenciais de nossos pensamentos, palavras e ações. Em segundo lugar, falamos sobre os meios, que são as maneiras pelas quais alcançamos nossos objetivos.

Nesta lição, examinaremos mais detalhadamente a ampla categoria de fatos em geral. Em particular, exploraremos a importância de considerar fatos sobre Deus, o mundo ao nosso redor e seres humanos quando tomamos decisões éticas.

Nossa lição será dividida em três partes. Começaremos identificando o fato do próprio Deus, aquele em quem vivemos, nos movemos e temos nosso ser. A seguir, descreveremos os fatos da criação em geral, observando os vários domínios da natureza. E finalmente, consideraremos a humanidade como um elemento crítico de nossa situação ética. Vamos nos voltar primeiro para Deus como o primeiro e mais importante fato em nossa situação ética.

DEUS

Falamos de Deus como o fato último em nossa situação, porque ele é aquele que dá existência e significado a todos os outros fatos. Outros fatos existem apenas porque Deus os criou e continua a sustentá-los. E eles só têm sentido porque Deus autoritativamente atribui significado a eles dentro de sua criação. E isso significa que devemos sempre interpretar todos os fatos à luz da existência e do caráter de Deus. Então, quando paramos para considerar a importância ética dos fatos, é importante começar com Deus.

Nossa discussão de Deus como o fato último na ética cristã se concentrará em três aspectos familiares do caráter de Deus: sua autoridade, que inclui seu direito de governar sobre toda a criação; seu controle, que é seu poder e governança sobre toda a criação; e sua presença, sua existência e manifestação dentro da criação. Começaremos olhando a autoridade de Deus, ou o direito de governar, sobre toda a criação.

AUTORIDADE

De capa a capa, as Escrituras deixam claro que Deus tem autoridade, o direito de governar, sobre toda a criação. Este direito de governar deriva do fato de que Deus é o criador e sustentador de toda a criação. Não há remanescente da criação que Deus não traz à existência ou que não dependa dele para sua existência continuada. A autoridade de Deus como criador tem pelo menos três atributos básicos que devemos sempre lembrar na ética cristã: primeiro, sua autoridade é absoluta. Em segundo lugar, é exclusiva. E terceiro, é exaustiva. Consideremos essas ideias mais de perto, começando com a natureza absoluta da autoridade de Deus como criador.

Absoluto

A autoridade de Deus é absoluta no sentido de que Deus tem total e completa liberdade sobre o que ele criou. As Escrituras geralmente ilustram a autoridade absoluta de Deus comparando-a com a autoridade que um oleiro tem sobre seu barro. Encontramos este tema em lugares como Isaías 29:16, Isaías 45:9, Jeremias 18:1-10 e Romanos 9:18-24. Ouça a maneira como Paulo falou da autoridade de Deus em Romanos 9:20-21:

Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? “Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: ‘Por que me fizeste assim?’” O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? (Romanos 9:20-21).

As questões retóricas de Paulo nos ensinam que, porque Deus é o criador de tudo, ele tem a liberdade e o direito de fazer o que quiser com o que ele cria.

E o que é verdade sobre a autoridade absoluta de Deus sobre as pessoas também é verdade sobre sua autoridade sobre o resto da criação. Deus pode fazer o que quiser com tudo o que fez. Ele tem a liberdade e o direito de agir de acordo com o que lhe aprouver, exigir dele tudo o que desejar e julgá-lo de acordo com seus próprios padrões.

Então, quando Deus revela seus julgamentos éticos, eles são verdadeiros e nunca estão sujeitos a escrutínio. Em termos gerais, os cristãos geralmente aceitam a idéia de que Deus tem o direito de ordenar que eles determinem seus julgamentos éticos. Mas com demasiada frequência, nos recusamos a aceitar os julgamentos éticos de Deus, a menos que sejam confirmados por algum outro padrão, e procuramos desculpas para evitar nos submeter ao que ele afirmou claramente. Mas, como vimos, a autoridade de Deus na ética é absoluta. Seus julgamentos morais, sua visão do bem e do mal devem ser aceitos como verdadeiros simplesmente porque ele disse isso.

Exclusiva

Em segundo lugar, além de ter autoridade absoluta, Deus também tem autoridade exclusiva sobre tudo o que ele criou.

Quando dizemos que a autoridade de Deus como criador é exclusiva, queremos dizer que somente Deus possui autoridade absoluta. A autoridade absoluta pertence apenas ao criador e Deus é o único criador. Portanto, somente Deus detém essa autoridade final. Outras autoridades existem, como espíritos, anjos e governantes da terra. E até os indivíduos têm uma certa autoridade sobre suas próprias vidas. Mas todos esses tipos de autoridade são delegados por Deus para que a autoridade de Deus seja sempre superior à autoridade da criatura. E como resultado, toda autoridade menor pode ser anulada pela autoridade maior do criador. Isso significa que os julgamentos morais de Deus estão além do questionamento legítimo. E é por isso que a Bíblia insiste que nossas decisões éticas sejam feitas na submissão final a Deus.

Exaustiva

Terceiro, além de ter autoridade absoluta e exclusiva, Deus também tem autoridade exaustiva sobre o universo.

Quando dizemos que a autoridade de Deus é exaustiva, queremos dizer que ela se estende a tudo o que ele criou em todos os detalhes. E há pelo menos duas implicações importantes desse fato. Primeiro, todas as criaturas estão sob a autoridade de Deus. Em outras palavras, apesar do fato de que muitos seres humanos se rebelam contra Deus e se recusam a se submeter aos seus comandos, seus julgamentos morais se aplicam a eles. Não importa onde moremos ou quem somos, e não importa qual seja a nossa cultura ou religião, todos os seres humanos são responsáveis perante Deus. E segundo, porque Deus criou todas as coisas, não há um aspecto da criação que seja moralmente neutro. Ele criou tudo com um propósito e atribuiu-lhe um caráter moral. Tudo na criação ou funciona como Deus quer e é, portanto, bom, ou está em desacordo com sua vontade e, portanto, é

mal. Toda a criação, até o último detalhe, está sujeita a ele. Então, quando procuramos servir a Deus, devemos sempre considerar e nos submeter à sua autoridade.

Tendo explorado a autoridade de Deus, devemos voltar nossa atenção para um segundo fato sobre Deus: seu controle sobre toda a criação — seu poderoso governo de tudo o que existe.

CONTROLE

Desde o início, precisamos reconhecer que diferentes ramos da igreja cristã compreendem o controle de Deus sobre sua criação de maneiras diferentes. Mas os cristãos concordam em grande medida, porque as Escrituras são muito claras sobre certos aspectos do controle de Deus.

Vamos limitar nossa discussão a duas questões básicas relacionadas ao controle de Deus sobre a criação. Primeiro, falaremos do caráter soberano do controle de Deus. Em segundo lugar, vamos destacar o caráter moral de seu controle. Considere primeiro a natureza soberana do controle de Deus sobre a criação.

Soberano

Ao longo dos séculos, os cristãos têm consistentemente afirmado o controle soberano de Deus sobre a criação. Naturalmente, teólogos e denominações diferem em alguns assuntos. Mas falando de maneira ampla, os cristãos sempre afirmaram o ensinamento bíblico de que Deus tem uma capacidade ilimitada e um direito ilimitado de controlar a criação de qualquer maneira que julgar conveniente. Além disso, porque ele é um rei bom e responsável sobre sua criação, ele exerce seu poder e direito em benefício de seu reino.

Infelizmente, de várias formas, tanto cristãos quanto não-cristãos têm argumentado algumas vezes que o controle soberano de Deus sobre sua criação é incompatível com a idéia de responsabilidade moral humana. Eles acreditaram erroneamente que ambas as ideias não podem ser verdadeiras. Ou Deus é soberano, ou somos responsáveis — mas não os dois.

Nos últimos anos, essa perspectiva foi expressa em um movimento conhecido como teísmo aberto. O teísmo aberto ensina que, para que Deus responsabilize os seres humanos por nossas decisões e comportamentos éticos, os seres humanos devem ter o controle final sobre nossas vidas. Insiste que se Deus tem controle soberano sobre o universo, então ele não tem o direito de nos responsabilizar pelo que fazemos.

Assim, a fim de preservar a responsabilidade ética humana, o teísmo aberto ensina que Deus limitou sua soberania voluntariamente, ou é por sua própria natureza incapaz de controlar toda a criação. Ele conclui que Deus não sabe o que vai acontecer, que ele tem influência limitada sobre as coisas que acontecem na criação, e que ele é frequentemente frustrado pelo modo como a história se desdobra. Em resumo, o teísmo aberto nega o controle soberano de Deus para afirmar a responsabilidade humana.

Agora, historicamente, a teologia cristã sempre ensinou que o controle soberano de Deus é completamente compatível com a responsabilidade humana. De fato, em vez de ver o controle de Deus como excludente da responsabilidade humana, a teologia cristã seguiu as Escrituras ao insistir que os seres humanos são moralmente responsáveis perante Deus precisamente porque Deus tem controle soberano sobre a criação. Vamos descompactar o que queremos dizer.

Por um lado, muitas passagens bíblicas ensinam que Deus tem um plano abrangente para sua criação e que ele controla a criação para realizar este plano. Por exemplo, a Bíblia às vezes fala de seu propósito imutável, como em Hebreus 6:17, ou das escolhas e planos que ele fez antes da fundação do mundo, como em Mateus 13:35 e Efésios 1:4. Em outras ocasiões, refere-se ao plano pelo qual ele controla toda a criação, como em Romanos 8:28. Fala até do fato de Deus apontar pessoas e eventos, como em Atos 4:28 e Romanos 8:29.

Agora, os cristãos qualificaram o controle de Deus sobre o universo relacionando-o de várias maneiras com coisas como sua presciência, sua vontade ativa e passiva e seus decretos positivos e permissivos. Mas, em última análise, o cristianismo histórico sempre afirmou que, porque Deus é o Criador, ele pode e exerce controle soberano sobre sua criação.

Por outro lado, em vez de ver o controle soberano de Deus como algo contrário à responsabilidade ética, o cristianismo viu o controle soberano de Deus como base para a responsabilidade ética. Ouça a maneira como Paulo declarou a relação entre o controle soberano de Deus e nossa responsabilidade em Filipenses 2:12-13:

Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Filipenses 2:12-13).

Observe aqui que os cristãos filipenses deviam viver moral e reverentemente porque Deus agia em suas vidas, fazendo com que eles desejassem e agissem de acordo com seu plano soberano. Dessa maneira, seu controle soberano de suas vidas era a base de sua responsabilidade moral. Em vez de ver a soberania divina e a responsabilidade humana como mutuamente exclusivas, Paulo entendia que a soberania de Deus era a base da responsabilidade humana.

Agora que falamos do caráter soberano do controle de Deus sobre a criação, estamos prontos para falar sobre o caráter moral de seu controle — observando as maneiras pelas quais Deus projetou a criação para ser conducente à moralidade.

Moral

Um princípio muito importante na ética cristã é que Deus não força os seres humanos em situações morais onde não há escapatória. As Escrituras nos ensinam que não importa quão complexos dilemas morais apareçam, Deus sempre provê os meios e a oportunidade de evitar o pecado. Este princípio geral é apresentado em 1 Coríntios 10:13, onde Paulo escreveu estas palavras:

Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, ele mesmo lhes providenciará um escape, para que o possam suportar (1 Coríntios 10:13).

Em seu contexto original, esse versículo se referia à tentação de cometer idolatria que a igreja de Corinto estava enfrentando. Mas o princípio geral também é verdadeiro: Deus não nos permite ser apresentados a situações nas quais todas as nossas opções são pecaminosas. Ele sempre orchestra as circunstâncias de tal maneira que tenhamos uma saída, uma solução louvável e não pecaminosa.

Claro que, às vezes, essa resolução não está imediatamente ao nosso alcance. A maioria de nós sabe por experiência que alguns dilemas morais são extremamente difíceis de resolver. E, a fim de encontrar uma saída, por vezes primeiro precisamos mudar substancialmente a nossa forma de pensar e agir. Mas podemos ter certeza de que a oportunidade para esses tipos de mudanças irá sempre existir.

É isso que queremos dizer quando dizemos que o controle de Deus é moral. Ele ordena a criação para que as circunstâncias de nossas vidas nunca sirvam de desculpa para nossas escolhas antiéticas. Ele governa o universo inteiro para que sempre haja um meio de escapar da tentação do pecado.

Tendo considerado a autoridade e o controle de Deus como fatos fundamentais em nossa situação, estamos prontos para nos voltarmos para um terceiro aspecto do caráter de Deus: sua presença entre nós enquanto ele se envolve no mundo.

PRESENÇA

Nossa discussão sobre a presença de Deus dentro da criação se dividirá em três seções: Primeiro, falaremos de Deus como o rei da aliança. Em segundo lugar, falaremos dele como o Senhor encarnado. Terceiro, falaremos dele como Espírito que ministra. Vamos primeiro considerar o papel de Deus como rei da aliança sobre a criação e, particularmente, sobre a humanidade.

Rei da Aliança

Deus esteve presente com a humanidade como nosso rei da aliança desde que criou Adão e Eva. Como vimos em uma lição anterior, nossos primeiros pais foram criados como imagens de Deus, seus reis vassalos cujo trabalho era espalhar o reino de Deus por toda a Terra. E Deus estava presente para abençoá-los quando eles eram fiéis e para amaldiçoá-los quando eles pecassem.

Com a queda da humanidade em pecado, Deus já não andava com Adão e Eva no frescor do Jardim. No entanto, Deus não deixou sua criação; ele permaneceu presente com a raça humana como nosso rei da aliança.

É claro que Deus sempre foi invisivelmente onipresente. Mas ele também apareceu em muitas manifestações visíveis, como o pilar de fogo e nuvem sobre o qual lemos em Êxodo 13. Além disso, ele fez sua presença conhecida através de milagres, como a divisão do Mar Vermelho em Êxodo 14. Ele também esteve presente de maneira especial com certas pessoas, como Elias que convocou fogo do céu em 2 Reis 1. Deus estava freqüentemente presente como o rei da aliança de Israel, oferecendo proteção e bênçãos ao seu povo, amaldiçoando e destruindo seus inimigos. E Deus ainda é nosso rei hoje, como Jesus ensinou em Mateus 5:34-35.

A presença de Deus conosco como nosso rei da aliança significa que ele está aqui para impor seus julgamentos sobre toda a terra e seus habitantes. Como Hebreus 4:13 diz:

Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas (Hebreus 4:13).

Deus vê tudo porque Deus está presente em todo lugar. E ele nos julga com base no que ele vê. Você deve se lembrar que nas lições anteriores definimos a ética cristã como:

Teologia, vista como um meio de determinar quais pessoas, atos e atitudes humanas recebem as bênçãos de Deus e quais não.

Nossas decisões éticas devem sempre considerar a presença de Deus conosco como juiz, tanto agora como no futuro. E, portanto, sua presença conosco como juiz real é sempre um fato crítico a ser considerado quando tomamos decisões éticas. Nós não vivemos separados de Deus; nós vivemos em sua presença sob o seu julgamento e bênção.

Com o papel de Deus como rei da aliança em mente, estamos prontos para nos voltarmos para a presença de Deus conosco como o Senhor encarnado na pessoa de Jesus Cristo.

Senhor Encarnado

Quando Jesus nasceu em Belém, Deus se tornou presente conosco de uma nova maneira. Talvez a diferença mais óbvia fosse que ele estava fisicamente presente e andava livremente entre a sociedade como um de nós. Embora possamos enumerar muitos resultados éticos de sua encarnação, limitaremos nossa discussão a quatro questões.

Primeiro, Hebreus 2:17 ensina que o perdão dos pecados é resultado da natureza humana e da presença física de Jesus na Terra, particularmente através de sua morte na cruz. E esse perdão torna possível que Deus nos abençoe por nossas boas obras.

Segundo, foi através de sua vida humana terrena que Jesus ganhou em primeira mão a simpatia por nós em meio às tentações que enfrentamos. Ouça as palavras de Hebreus 2:18:

Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados (Hebreus 2:18).

Ao fazer mediação diante do Pai no céu, Jesus assegura que nossas obras sejam julgadas com misericórdia, não severamente. E ele motiva o Pai a estender sua graça para nós, fortalecendo-nos a resistir ao pecado e aplicando perdão a nós diariamente.

Terceiro, a presença terrena de Jesus conosco nos fornece o padrão supremo de justiça para toda a vida humana. As escrituras registram muitos detalhes da vida de Cristo, e cada um deles nos apresenta a imagem de comportamento, pensamentos, emoções e julgamento perfeitamente éticos. E Deus agora está nos conformando à imagem de Cristo, não apenas fornecendo um modelo para nós imitarmos, mas também nos capacitando a ser como ele.

E quarto, nossa vitória moral é assegurada pela presença de Jesus. O ministério terreno de Jesus começou a restauração completa do reino de Deus. Derrotando seus inimigos e os nossos inimigos na cruz, Jesus nos permitiu prevalecer em batalhas morais, e ele garantiu nossa vitória final.

Nós podemos não estar na presença humana de Cristo na terra agora, mas sua presença passada na Terra foi fundamental para ilustrar o comportamento ético e até mesmo para tornar o comportamento ético possível. E sua presença física contínua no céu é parte integral de nossa permanente posição ética diante de Deus.

Agora que falamos sobre Deus como nosso rei da aliança e Senhor encarnado, devemos nos voltar para a presença de Deus como nosso Espírito ministrador, que é a presença mais direta de Deus que comumente encontramos na era atual.

Espírito Ministrador

Quando Jesus subiu ao céu, ele derramou o seu Espírito sobre a igreja. O Espírito Santo nos ministra de várias maneiras, mas nos limitaremos a dois de seus principais ministérios entre nós. Primeiro, o Espírito Santo habita os crentes individuais, nos capacitando e nos motivando a tomar decisões éticas.

Em Romanos 8:9-10, o apóstolo Paulo escreveu estas palavras sobre a habitação do Espírito Santo:

Vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. Mas se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça (Romanos 8:9-10).

Paulo disse que o Espírito Santo faz pelo menos duas coisas que são centrais para a ética cristã: primeiro, ele nos dá vida espiritual e, segundo, ele nos controla. Vamos considerar cada uma dessas ideias em mais detalhes.

Por causa da queda da humanidade no pecado, todos os seres humanos nascem em um estado de morte espiritual. Isso nos torna moralmente impotentes; Não temos

capacidade de fazer nada que Deus considere bom. Mas quando o Espírito Santo nos dá nova vida, ele também nos dá a habilidade moral para que possamos fazer boas obras. E isso significa que podemos e devemos confiar no Espírito Santo para nos ajudar a resistir ao pecado.

Mas o Espírito Santo muda nossos corações e mentes para que amemos a Deus e desejemos suas bênçãos. Em resumo, ele nos dá o desejo de viver eticamente. E, conseqüentemente, temos uma obrigação moral de nos submeter ao seu controle sobre nossas vidas e perseguir nossos desejos piedosos no lugar de nossos desejos pecaminosos.

Além de habitar em nós, o Espírito Santo também ministra ao presentear os crentes com habilidades sobrenaturais para realizar obras de serviço para a igreja. O Espírito Santo tem presenteado crentes de várias maneiras ao longo da história. Embora o Espírito habitasse em todos os crentes mesmo no Antigo Testamento, ele dava dons espirituais somente a indivíduos especiais, como profetas, sacerdotes e reis. Mas o Antigo Testamento também aguardava o dia em que o Espírito seria derramado sobre todo o povo de Deus. Ouça as palavras de Pedro em Atos 2:16-17:

Isto é o que foi predito pelo profeta Joel: “Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos” (Atos 2:16-17).

Joel havia profetizado sobre um tempo em que o Espírito Santo seria derramado sobre todos os crentes, estendendo o dom espiritual a todos os que ele viria a habitar. E Pedro nos ensinou que isso aconteceu no Pentecostes. Daquele dia em diante, todo cristão tem sido capacitado com dons e talentos espirituais.

De passagens como 1 Coríntios 12, Romanos 12 e Efésios 4, bem como da história da igreja, sabemos que alguns dons espirituais são bastante comuns — coisas como servir, pregar, ensinar, evangelizar, encorajar, contribuir e administrar. Os dons mais espetaculares, como visões, milagres e línguas, são menos comuns. Mas, independentemente de quais dons espirituais tenhamos, o ponto que queremos enfatizar é o seguinte: o Espírito Santo concede dons para edificar a igreja. Portanto, quaisquer que sejam os dons que possuímos, nosso dever moral é utilizá-los para o bem do povo de Deus. Ouça os ensinamentos de Paulo sobre esse assunto em 1 Coríntios 12:7, 11:

A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum ... Todas essas coisas (dons), porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer (1 Coríntios 12:7, 11). .)

Uma das implicações éticas claras de viver na presença do Espírito Santo é que somos obrigados a identificar e usar os dons que Deus nos deu.

Alguns dos fatos mais fundamentais que devemos considerar em qualquer situação ética dizem respeito ao próprio Deus: sua autoridade absoluta, exclusiva e exaustiva; seu controle soberano e moral sobre a criação; e sua presença conosco como rei da aliança, encarnado Senhor e Espírito que ministra. Quando nos firmamos em um

entendimento adequado de quem é Deus, estamos muito melhor preparados para tomar decisões que lhe agradem e trazer suas bênçãos para nós.

Tendo identificado os fatos relacionados ao próprio Deus, estamos prontos para nos voltarmos para os fatos que compõem a criação em geral, incluindo seus aspectos físicos e espirituais.

CRIAÇÃO

A teologia sistemática tradicional se refere a tudo o que existe como parte de um de três reinos. Primeiro, existe o reino sobrenatural, aquele reino que está acima da natureza. Embora muitas vezes usemos esse termo para nos referir a algo que não faz parte do nosso mundo natural, ele tem um uso mais técnico na teologia sistemática. Especificamente, refere-se a Deus e suas obras, uma vez que somente o próprio Deus é verdadeiramente mais alto, mais poderoso e mais autoritário do que o mundo natural.

Em segundo lugar, há o reino natural. Este é o mundo que Deus criou em Gênesis 1, o mundo em que vivemos e operamos. E sem dúvida, é o lado da criação que é mais familiar aos seres humanos.

E terceiro, há o reino preternatural, aquele reino que está além da natureza. Não está acima da natureza da maneira que Deus está, mas está ao lado da natureza como um aspecto distinto da criação. Este é o reino habitado por espíritos invisíveis, como anjos e demônios.

De acordo com esse entendimento tradicional, nossa discussão dos fatos da criação se dividirá em duas partes. Primeiro, vamos olhar para os aspectos preternaturais da criação, considerando como o reino espiritual habitado por anjos e demônios se relaciona com a ética cristã. Em segundo lugar, abordaremos o mundo natural e sua relação com a ética. Vamos começar com os aspectos preternaturais e invisíveis da criação.

PRETERNATURAL

Infelizmente, os cristãos modernos, especialmente nas culturas ocidentais, muitas vezes prestam pouca atenção aos anjos invisíveis e demônios que cercam e interagem conosco. E isso não deveria ser surpreendente. Afinal, nossa experiência humana é tipicamente limitada ao mundo natural. Nós interagimos constantemente com outras pessoas, assim como com nosso ambiente físico, e normalmente tentamos explicar a maior parte do mundo e os eventos ao nosso redor como fenômenos naturais. Então, raramente colocamos muita ênfase no mundo preternatural. Mas o fato é que anjos e demônios têm um impacto significativo nas coisas que acontecem em nossas vidas. E, como resultado, o mundo preternatural é uma consideração importante quando se trata de tomar decisões éticas.

Consideraremos os aspectos preternaturais da criação sob dois títulos separados relacionados à ética cristã. Primeiro, descreveremos os habitantes do reino preternatural e

sua relação com o mundo natural. E em segundo lugar, nos voltaremos para o tópico da guerra espiritual, a luta cósmica entre o bem e o mal que acontece ao nosso redor. Vamos nos voltar primeiro para os habitantes do reino preternatural, ou seja, os anjos e os demônios.

Habitantes

A ciência moderna fala da humanidade como em grande parte sozinha no universo das criaturas racionais. Todos nós percebemos que vivemos em um planeta relativamente pequeno circulando um sol relativamente pequeno em uma vasta galáxia que é apenas uma pequena parte do universo.

Mas a Escritura ensina que Deus também povoou o universo com um vasto número de seres espirituais conhecidos como anjos e demônios. Ambos os anjos e demônios são seres inteligentes e racionais que possuem vontades e personalidades.

Quando Deus criou esses seres, eles eram todos anjos — puros e perfeitos, servindo a Deus em seu reino celestial. Mas alguns desses anjos se rebelaram voluntariamente contra Deus e caíram deste estado abençoado em condenação. A Bíblia geralmente usa o termo anjos para se referir àqueles anjos abençoados que permaneceram leais a Deus, e freqüentemente se refere aos anjos caídos e rebeldes como demônios. Ambos os anjos e demônios têm influência sobre muitas coisas que acontecem no mundo natural.

Consideremos o impacto que anjos e demônios têm em nosso ambiente ético. Vamos começar com o tema dos anjos antes de abordar o assunto dos demônios.

Os anjos servem como mensageiros e agentes leais de Deus. Eles comunicam sua palavra aos seres humanos e interagem com a humanidade em nome de Deus. Às vezes, esses são eventos dramáticos. Por exemplo, em 2 Reis 19:35, aprendemos que o anjo do Senhor matou cento e oitenta e cinco mil soldados assírios em uma única noite, a fim de deter a invasão de Senaqueribe em Judá. Mas em outras ocasiões, os anjos trabalham de maneiras mais mundanas. Por exemplo, o Salmo 91:11-12 ensina que os anjos também trabalham para impedir que os seguidores fiéis de Deus cortem os dedos dos pés.

Hebreus 1:14 resume o importante trabalho dos anjos fazendo esta pergunta retórica:

Os anjos não são, todos eles, espíritos ministradores enviados para servir aqueles que não de herdar a salvação? (Hebreus 1:14).

E a resposta, claro, é "sim". Mas o que esse ministério tem a ver com nossas decisões éticas?

Por um lado, os anjos de Deus estão constantemente trabalhando para garantir que sempre tenhamos a oportunidade de nos comportar moralmente. Seu serviço deve nos tornar mais confiantes no cuidado e provisão de Deus. E essa confiança deve nos encorajar a tomar decisões éticas mesmo quando essas decisões criam dificuldades para nós.

Além disso, Deus está realmente usando a nossa salvação para ensinar sabedoria aos seus anjos no céu. Anjos não precisam de salvação, e a salvação não está disponível

para os demônios. Como resultado, a salvação é misteriosa para eles. Então, observando a salvação da humanidade de Deus, eles aprendem mais sobre a glória do Senhor e são capazes de louvá-lo mais.

O Novo Testamento fala sobre isso em muitos lugares, inclusive em Efésios 3:10, onde Paulo escreveu estas palavras:

A intenção dessa graça[de Deus] era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais (Efésios 3:10).

Quando nos arrependemos do pecado e somos abençoados por Deus, os anjos aprendem mais sobre os caminhos do Senhor e rendem a ele maiores louvores. Assim, um fator importante a ser considerado em nossas decisões éticas é o modo como nossas decisões levam os anjos a louvar e honrar a Deus.

Com essa compreensão dos anjos em mente, devemos voltar nossa atenção para os demônios e para o papel que eles desempenham como fatos em nossa situação.

Como os anjos, os demônios são capazes de interagir com o reino natural, o que eles fazem para nos prejudicar. No Novo Testamento, a maneira mais comum dos demônios atacarem os cristãos é os induzindo à idolatria.

As escrituras indicam que os demônios também podem nos prejudicar de outras maneiras. Por exemplo, em Jó 1–2, vemos que Satanás, o chefe dos demônios, foi autorizado a destruir os bens e a saúde de Jó e a matar sua família. Agora, como aprendemos nesses capítulos, essa foi uma circunstância incomum na qual Deus permitiu que Satanás tivesse tanta influência na vida de Jó. No entanto, demonstra os tipos de coisas que os demônios podem fazer no reino natural.

Como veremos na próxima seção, as atividades dos demônios têm muitas implicações para nossas vidas. Eles constantemente nos tentam, buscando nos afastar das escolhas morais. E por essa razão, devemos sempre lembrar que eles são um fato importante em nossa situação.

Agora, há inúmeras implicações morais que podemos extrair das atividades dos habitantes do reino preternatural. Mas, para nossos propósitos, nos concentraremos na guerra espiritual que ocorre entre eles e em como isso afeta nossas vidas no mundo natural.

Guerra Espiritual

Desde que Satanás e o resto dos demônios se rebelaram contra Deus, eles foram presos numa batalha contra os santos anjos de Deus. Como esse conflito é travado entre espíritos bons e maus, a saber, anjos e demônios. Muitas vezes falamos disso como guerra espiritual. Essa guerra é mencionada com frequência nas Escrituras, mas talvez a passagem mais conhecida seja o ensinamento de Paulo sobre a armadura de Deus em Efésios 6. Ouça as palavras de Paulo em Efésios 6:12:

Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as

forças espirituais do mal nas regiões celestiais (Efésios 6:12).

Aqui Paulo indicou que nossos inimigos incluem os governantes demoníacos, autoridades, poderes e forças no mundo preternatural. Esta guerra espiritual é uma luta entre as forças do bem e as forças do mal. Além disso, ela nos influencia de maneiras éticas, à medida que os anjos nos ajudam a encontrar maneiras de obedecer a Deus e os demônios nos tentam a pecar.

A boa notícia é que Jesus prejudicou a capacidade dos demônios de nos dominar. Através de sua morte e ressurreição, ele já conquistou todos os seus inimigos. Paulo ensinou esse fato em Colossenses 2:15, escrevendo estas palavras encorajadoras:

Tendo despojado os poderes e as autoridades, [Jesus] fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz (Colossenses 2:15).

Mas, embora Cristo tenha vencido a guerra, os demônios ainda persistem em nos combater. E eles continuarão nos atacando até que Deus os julgue no último dia. Por esta razão, devemos ser vigilantes soldados, vestidos para a batalha com a armadura de Deus, contando com a graça do Senhor nos dando força para resistirmos as hordas demoníacas. Nunca devemos esquecer que essa guerra espiritual é um elemento real e poderoso em nossa situação ética.

Com essa compreensão do mundo preternatural em mente, estamos prontos para abordar as implicações éticas do mundo material e natural em que vivemos.

NATURAL

Os detalhes do mundo natural são quase ilimitados, por isso vamos focar nossa atenção no mundo natural como um todo. Primeiro, falaremos do lugar do mundo natural em sua condição original na criação. Em segundo lugar, veremos como a queda da humanidade no pecado afetou o mundo natural. E terceiro, discutiremos as implicações que a redenção da humanidade do pecado tem para o mundo natural. Vamos começar com o tópico da criação e com o papel que o mundo natural desempenha nele.

Criação

Em Gênesis 1, Moisés descreveu a criação de todo o reino natural de uma maneira que enfatizava a importância central da humanidade sobre a terra. De seu relato, podemos ver que os seres humanos são parte da natureza. De acordo com Gênesis 2:7, Deus nos criou do pó do solo. E como somos parte da natureza, temos uma obrigação ética de protegê-la.

Moisés também deixou claro que os seres humanos são senhores ou governantes da natureza. Deus não nos criou para sermos iguais às plantas e animais, mas para governá-los. Ouça as palavras de Gênesis 1:28:

Deus os abençoou [a humanidade], e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (Gênesis 1:28).

Desde o início, Deus chamou os seres humanos para governar o mundo — para administrá-lo de uma maneira que promova a vida e o crescimento, transformando o mundo em um reino que é adequado para ele habitar.

Agora que olhamos para o estado original do reino natural na criação, vamos voltar nossa atenção para a queda da humanidade no pecado e, particularmente, para o impacto que ela teve no mundo natural.

Queda

Quando Adão e Eva caíram em pecado, Deus respondeu amaldiçoando tanto a raça humana como a terra, sujeitando-os à corrupção. Isso fez com que a terra se opusesse ao senhorio da humanidade de muitas maneiras. Por exemplo, tornou-se difícil para os seres humanos trabalharem a terra para produzir alimentos. Nós lemos sobre isso em Gênesis 3:17-19, onde Deus colocou a seguinte maldição sobre Adão:

Maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão (Gênesis 3:17-19).

Como resultado dessa maldição, o mundo natural é afetado pelo pecado de várias maneiras. Podemos resumir a situação do reino natural desta maneira: a natureza é tanto a receptora da maldição de Deus quanto o instrumento da maldição de Deus. Quer dizer, a natureza é corrompida pelo pecado e é freqüentemente hostil para conosco. Estes são detalhes importantes da nossa situação natural que devem ser considerados na ética. A natureza não é como foi originalmente projetada para ser; muitas vezes isso torna as nossas decisões éticas mais complicadas porque passa a ser corrompida pelo pecado e a servir frequentemente como instrumento de disciplina de Deus para nós.

Ao mesmo tempo, o mundo natural não foi completamente corrompido pela Queda. A terra ainda pertence a Deus, e tudo que nela habita. Ela ainda proclama sua bondade e majestade, e Deus ainda a usa para nos fornecer muitas coisas boas. Como lemos no Salmo 19:1:

Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos (Salmo 19:1).

E como Paulo escreveu em 1 Timóteo 4:4-5:

Tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e

pela oração (1 Timóteo 4:4-5).

A natureza ainda é boa. Ainda é criação de Deus, e ainda é um meio que Deus usa para nos ministrar e nos abençoar. Então, quando enfrentamos questões éticas, devemos sempre lembrar que tanto a corrupção quanto as bênçãos da natureza continuam sendo características importantes de nossa situação.

Tendo falado sobre a natureza em relação à criação e à queda no pecado, estamos prontos para nos voltarmos para o tópico da redenção e para o papel que o reino natural desempenha na história redentora.

Redenção

Quando a humanidade caiu em pecado, o reino natural tornou-se tanto um instrumento de maldição como um receptor de maldição. Mas na redenção, ambos os efeitos são invertidos. O reino natural se torna um instrumento de redenção, pois Deus trabalha dentro do reino natural para realizar a redenção para os seres humanos. E também se torna um receptor da redenção, à medida que Deus expurga a corrupção do mundo natural através da redenção da humanidade.

A natureza funciona como um meio de redenção de várias maneiras. Por um lado, Deus usa as coisas no campo natural como ferramentas no processo redentor. Eventos no mundo natural testemunham a grandeza de Deus. Eles apresentam oportunidades para acreditarmos nele para a salvação. E eles nos colocam em circunstâncias que levam ao nosso crescimento espiritual e vitória. Por outro lado, Deus às vezes se sobrepõe à ordem normal e natural de maneira miraculosa, mudando a natureza de tal modo que nos apresenta sinais e maravilhas que edificam nossa fé. Considere Romanos 8:28 onde Paulo escreveu estas palavras:

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam,[a] dos que foram chamados de acordo com o seu propósito (Romanos 8:28).

Pelo termo “todas as coisas”, Paulo se refere a todas as circunstâncias, todos os eventos, todas as criaturas, todos os objetos, todos os pensamentos — tudo. E isso inclui tudo o que existe ou acontece no mundo natural. Deus está controlando tudo isso para nosso benefício, promovendo nossa redenção.

Então, quando nos deparamos com escolhas éticas, precisamos fazer perguntas como: o que Deus está me ensinando através das minhas experiências do mundo natural? Como minhas interações com o mundo natural podem me ajudar a tornar-me mais semelhante a Cristo? E como eu posso usar o mundo natural para trazer glória a Deus?

Além disso, o reino natural em si acabará por ser um destinatário da redenção. Deus vai refinar o céu e a terra para criar um novo céu e nova terra. As escrituras mencionam essa nova criação em muitos lugares, como Isaías 65:17, Isaías 66:22, 2 Pedro 3:13 e Apocalipse 21:1. Passagens como essas indicam que a corrupção do mundo natural durará até que a redenção da humanidade seja completada no retorno de Cristo. Nesse ponto, a terra será levada ao destino glorioso que Deus ordenou para ela desde o

princípio. Paulo escreveu sobre isso em Romanos 8:19, 21, onde encontramos estas palavras:

A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados ... A própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Romanos 8:19, 21).

O fato de que Deus está redimindo o mundo natural indica que ele dá grande valor a ele. Então, ao tomarmos decisões éticas, também precisamos considerar como nossas escolhas afetarão a criação natural. E isso significa que temos que fazer perguntas como: Que efeito as minhas decisões terão no mundo natural? Como posso aumentar e melhorar o domínio da humanidade sobre a terra? E como posso promover um mundo adequado para a presença gloriosa de Deus? Sempre que nos aproximamos de uma questão ética, temos que levar em conta as formas que a criação nos influencia. E temos que lembrar como nossas ações impactam a criação também.

Agora que identificamos os fatos básicos relativos ao próprio Deus, bem como aos fatos da criação em geral, estamos prontos para considerar os fatos relacionados à humanidade, o pináculo da criação de Deus.

HUMANIDADE

Vamos abordar os fatos relacionados à humanidade de duas maneiras. Primeiro, vamos considerar a humanidade no contexto da sociedade, olhando para os fatos relacionados às nossas tentativas de viver com os outros. Em segundo lugar, falaremos de seres humanos como indivíduos, focalizando em nossas tentativas de viver com nós mesmos. Vamos voltar nossa atenção para a sociedade humana como uma característica importante da nossa situação.

SOCIEDADE

Vamos olhar para três aspectos da sociedade que se relacionam com o nosso estudo da ética cristã. Primeiro, vamos considerar a solidariedade corporativa da sociedade humana, a maneira que Deus vê a raça humana como um grupo unificado. Em segundo lugar, falaremos brevemente sobre a semelhança de nossas experiências humanas. E terceiro, vamos mencionar a comunidade humana. Vamos olhar primeiro para a solidariedade da sociedade humana quando nos apresentamos diante de Deus.

Solidariedade

Em nossa discussão sobre a solidariedade corporativa da humanidade, falaremos do mandato cultural como uma tarefa corporativa que foi dada à humanidade na criação. E falaremos da Queda como um fracasso corporativo para a raça humana que resultou em

consequências corporativas. Finalmente, veremos a redenção como a reconstituição corporativa da sociedade humana. Vamos pensar primeiro sobre a tarefa corporativa da humanidade dentro da criação, ou seja, o mandato cultural.

Em uma lição anterior, falamos do mandato cultural como o mandamento de Deus de que os seres humanos expandissem seu reino até os confins da Terra através do desenvolvimento da cultura humana. Este mandato foi dado diretamente a Adão e Eva quando eles foram criados. Ouça as palavras de Deus aos nossos primeiros pais em Gênesis 1:28:

**Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra!
(Gênesis 1:28).**

É claro que Deus nunca pretendeu que Adão pai e Eva tivessem filhos suficientes para encher o planeta inteiro com povos e culturas. Em vez disso, ele pretendia que eles fossem a primeira de muitas gerações de seres humanos. E ele pretendia que a raça humana cumprisse corporativamente este mandato.

Como resultado, todos os seres humanos são solidários uns com os outros. Isto é, Deus atribuiu essa tarefa de preencher e subjugar a terra à raça humana como um todo como uma entidade corporativa singular. Mas Deus não atribuiu todos os aspectos do mandato cultural a cada indivíduo. O mandato cultural obriga a humanidade como um todo a reproduzir e construir culturas. E a obrigação moral do indivíduo é meramente fazer a parte dele, cooperar com toda a humanidade no cumprimento dessa tarefa corporativa.

Essa solidariedade corporativa da raça humana no mandato cultural nos ensina algo muito importante sobre ética. Ensina-nos que, desde o início, Deus pretendeu que os seres humanos levassem outras pessoas em consideração quando tomamos decisões individuais. Temos que considerar como nossas decisões irão afetá-los, e também como podemos trabalhar juntos para realizar nossa tarefa corporativa de expandir o reino de Deus até os confins da terra.

Com a tarefa corporativa da humanidade em mente, vamos abordar o assunto do nosso fracasso corporativo quando a raça humana caiu em pecado.

Quando Deus criou Adão e Eva, ele atribuiu-lhes a tarefa corporativa do mandato cultural. Mas ele também lhes atribuiu papéis individuais que contribuíram para o sucesso dessa tarefa. Então, no Queda, Adão e Eva violaram seus papéis individuais designados e, no processo, violaram a tarefa corporativa que haviam recebido.

Desta forma, a Queda envolvia não apenas os pecados de Adão e Eva como indivíduos, mas também o colapso de seu relacionamento, sua estrutura familiar ordenada por Deus. E assim a raça humana estava unida em sua rebelião contra Deus.

O fato de que a Queda foi um fracasso corporativo tem implicações de longo alcance para a ética cristã. Isso significa que temos a obrigação não apenas de sermos eticamente puros como indivíduos, mas também de promover a moralidade de outros indivíduos. Isso mostra que somos obrigados a formar famílias e sociedades e a estabelecer práticas éticas dentro desses relacionamentos. E nos ensina que precisamos ser cautelosos com as tentações que nos chegam através desses relacionamentos.

Agora que consideramos a tarefa corporativa da humanidade e nosso fracasso corporativo nessa tarefa, devemos voltar nossa atenção para as consequências corporativas da queda da humanidade no pecado.

Para entender as consequências corporativas da Queda, é útil lembrar que quando Deus criou Adão e Eva, ele fez uma aliança com eles. Entre outras coisas, essa aliança exigia que Adão e Eva obedecessem a Deus e definia as consequências de sua obediência ou desobediência. Mas essa aliança não governou apenas o relacionamento de Deus com Adão e Eva como indivíduos. Pelo contrário, governou Adão e Eva coletivamente. De fato, a Escritura ensina que todo ser humano que já existiu ou existirá já foi incluído nesta aliança.

Então, quando Adão e Eva violaram a aliança de Deus comendo da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, as consequências para sua desobediência caíram não apenas sobre eles, mas também sobre sua posteridade. Por causa da solidariedade corporativa da raça humana, esta transgressão condenou cada indivíduo da raça humana às maldições da aliança. Como Paulo resumiu em Romanos 5:18:

Uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens (Romanos 5:18).

A única exceção a isso foi Jesus, que não descendeu de Adão e Eva segundo a maneira normal de reprodução humana, mas foi concebido no ventre de Maria pelo Espírito Santo. Todos os outros seres humanos caíram sob as maldições da aliança quando Adão pecou.

Como consequência da Queda, o restante de nós nasce sob a maldição de morte de Deus e é destinado ao julgamento eterno. E além de nascermos culpados e condenados, também nascemos corruptos, habitamos e escravizados pelo pecado e incapazes de fazer algo de bom. Como Paulo escreveu em Romanos 8:7-8:

A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus (Romanos 8:7-8).

De fato, as consequências da Queda são tão severas que, à parte da obra de redenção de Deus, não há como pensar, dizer ou fazer algo que seja verdadeiramente ético.

Porque somos tão corrompidos pelo pecado, sempre temos que questionar nossos instintos morais e intuições. Não podemos simplesmente seguir nossos corações, imaginando que eles sempre nos levarão à pureza ética.

Uma consequência desse problema universal do pecado é que a raça humana não cumpre o mandato cultural da maneira que Deus pretendia. Nós construímos e expandimos a civilização humana em todo o mundo, mas o pecado interior geralmente nos leva a construir de uma maneira que falha em honrar e glorificar a Deus.

Devemos nos ajudar mutuamente na tarefa de construir o reino de Deus na terra, mas a corrupção do pecado nos transforma em obstáculos. Assim, conseqüentemente, à medida que procuramos trazer glória a Deus, não precisamos apenas trabalhar positivamente para construir seu reino, mas temos que manter o pecado em vigilância

constante. Temos que testar e provar nossos próprios motivos e comportamentos, bem como os das pessoas ao nosso redor.

Tendo considerado a tarefa corporativa e o fracasso corporativo da humanidade, bem como as consequências corporativas desse fracasso, vamos nos voltar para a reconstituição corporativa de nossas estruturas sociais humanas.

No mundo moderno, é comum que os cristãos se concentrem nos aspectos individuais da salvação — coisas como perdão do pecado e vida eterna para indivíduos. Mas, como vimos nas lições anteriores, o plano de criação de Deus não é simplesmente salvar uma multidão de crentes individuais. Pelo contrário, é construir um reino; é construir uma nova estrutura social e uma nova sociedade habitada por pessoas renovadas. Ouça 1 Pedro 2:9 onde Pedro descreveu a igreja em termos corporativos:

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus (1 Pedro 2:9).

Deus não está simplesmente redimindo indivíduos. Em vez disso, ele está redimindo um povo, um sacerdócio, uma nação. Isto é, ele está redimindo indivíduos e colocando-os em sociedades redimidas.

Estamos todos conscientes de que Jesus é o nosso rei e que somos o seu reino. E todos nós reconhecemos que ele ordenou estruturas sociais e de autoridade para o seu povo até hoje, como famílias e ofícios na igreja. E quando Jesus voltar no futuro, as estruturas sociais corporativas serão completamente redimidas também. E esses fatos são importantes para as decisões éticas que tomamos. Precisamos nos concentrar não apenas em nossa redenção pessoal, mas também na manutenção de estruturas sociais piedosas, tais como famílias, congregações de igrejas, até mesmo nações, que são todas parte do grande reino que Deus está construindo na terra.

Agora que explicamos a solidariedade corporativa da raça humana em nossas relações com Deus, devemos considerar os fatos relacionados à comunalidade de nossas experiências humanas.

Semelhanças

Dentro da raça humana, estamos divididos em muitos grupos menores de pessoas. Somos membros de nações, culturas, sub-culturas, igrejas, famílias e assim por diante. Nossas histórias não são simplesmente biografias de indivíduos, mas relatos sobre nações e grupos de pessoas. Nós existimos e nos governamos em estruturas sociais como famílias e países. E nós compartilhamos culturas que nos unem com estilos de roupas, comida, música, arte, arquitetura e muitas outras coisas. Dentro de cada um desses grupos sociais, existem semelhanças fundamentais que unem o grupo. Essas semelhanças e diferenças devem ser levadas em consideração quando tomamos decisões éticas.

Um resumo conciso dessa idéia pode ser encontrado em 1 Coríntios 9:20-22, onde Paulo escreveu estas palavras:

Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei) ... Para os que

estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo) ... Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns (1 Coríntios 9:20-22).

Paulo ensinou que é importante adaptarmos nosso comportamento às experiências compartilhadas das pessoas ao nosso redor. Ele levou em consideração os contextos sociais humanos em que se encontrava e mudou seu comportamento à luz do que viu. Por exemplo, ele seguiu tradições judaicas em contextos judaicos e prática gentis em ambientes gentios. Claro, ele se certificou de não violar qualquer coisa que as Escrituras ensinassem. Mas, na medida em que ele era capaz, ele conformou sua aplicação da lei de Deus às experiências compartilhadas daqueles ao seu redor. E seguindo seu exemplo, devemos fazer o mesmo.

Tendo falado da solidariedade corporativa da raça humana diante de Deus, e da importância da comunalidade em nossas experiências humanas, estamos prontos para considerar o tema da comunidade, os fatos relacionados às nossas interações normais entre si, seja como membros da comunidade, raça humana, ou de um grupo menor, ou como indivíduos.

Comunidade

Vamos dividir o tópico da comunidade em duas partes. Primeiro, vamos considerar o impacto que os seres humanos têm um sobre o outro. Em segundo lugar, abordaremos as responsabilidades que assumimos uns para com os outros. Vamos começar com o impacto que os indivíduos causam nos outros membros de sua comunidade.

Não pode haver dúvidas de que as decisões e ações dos indivíduos geralmente afetam as pessoas ao seu redor. Quando essas decisões e ações estão em conformidade com os ensinamentos das Escrituras, elas impactam os outros de maneiras que glorificam a Deus. Quando não estão, impactam os outros de maneira a promover o pecado. Nós impactamos outros em nossa comunidade de inúmeras maneiras. Mas para o propósito desta lição, focaremos nossa discussão no impacto que os crentes têm uns sobre os outros na igreja.

Em 1 Coríntios 12:26-27, Paulo descreveu o impacto que os cristãos têm uns sobre os outros, usando a metáfora do corpo humano. Ouça o que ele escreveu lá:

Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo (1 Coríntios 12:26-27).

Nesta passagem, Paulo ensinou que os cristãos devem tratar uns aos outros com honra e respeito, porque o que acontece a um cristão afeta todo crente no mundo. Nesse sentido, o impacto que temos um sobre o outro é muito amplo, de modo que devemos sempre levar em consideração toda a igreja toda vez que tomamos decisões. Na medida em que somos capazes de determinar o impacto que nossas ações terão sobre outros

crentes, devemos tomar decisões que os beneficiem e não os prejudiquem, e que os promovam a se comportarem de maneira ética.

Paulo deu um exemplo muito concreto disso em 1 Coríntios 8, onde ele deu instruções sobre alimentos que foram sacrificados a ídolos. Em geral, ele ensinou que era aceitável que os cristãos comessem esse alimento. Mas ele qualificou isto dizendo que se o comer dessa comida fazia com que outros crentes caíssem no pecado da idolatria, então os cristãos deveriam se abster destes alimentos. Ouça o que ele escreveu em 1 Coríntios 8:13:

Se aquilo que eu como leva o meu irmão a pecar, nunca mais comerei carne, para não fazer meu irmão tropeçar (1 Coríntios 8:13).

Para que nossas decisões sejam bíblicas, devemos considerar o impacto que nossas ações têm sobre os outros.

Sabendo da importância do impacto que temos uns sobre os outros, devemos voltar nossa atenção para o tópico relacionado das responsabilidades que temos em relação de uns aos outros. Como fizemos ao discutir o impacto que temos sobre os outros, nos concentraremos particularmente nas responsabilidades que temos em relação umas às outras na igreja.

As escrituras nos ensinam sobre nossas responsabilidades para com os outros em muitos lugares. Assim, para fins de ilustração, nos concentraremos no mandamento do Senhor de nos amarmos uns aos outros. Esse comando é mencionado com frequência nas Escrituras, mas vejamos como João falou sobre isso em sua primeira epístola. Ouça as palavras de 1 João 3:11-18:

Que nos amemos uns aos outros ... Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade (1 João 3:11-18).

João indicou que temos a responsabilidade de amar uns aos outros da mesma maneira que Jesus nos amou. E essa responsabilidade abrange toda a vida. Requer nosso tempo, nosso dinheiro, nossas posses e até nossas vidas. E essa é uma responsabilidade que deve ser refletida em todas as nossas decisões éticas.

Agora que abordamos os fatos relacionados a viver com os outros na sociedade humana, estamos prontos para voltar nossa atenção para nós mesmos como indivíduos.

INDIVÍDUOS

Como vimos, os seres humanos têm muitas coisas em comum. Todos nós respondemos ao mesmo Deus. Vivemos no mesmo mundo natural e somos influenciados pelas mesmas forças preternaturais. E nós vivemos em sociedades com muitos outros que são como nós. Mas também há muitas maneiras importantes em que cada pessoa é única.

Todos nós temos personalidades diferentes, histórias diferentes, habilidades diferentes e assim por diante. E essas diferenças individuais são fatos importantes a serem considerados quando nos deparamos com escolhas éticas.

Vamos falar de quatro tipos de fatos relacionados aos seres humanos como indivíduos. Primeiro, falaremos de caráter pessoal. Em segundo lugar, mencionaremos o significado das experiências de cada indivíduo. Terceiro, abordaremos a questão do corpo humano e sua influência. E quarto, vamos considerar a importância dos papéis que Deus atribuiu a cada pessoa. Vamos começar com o caráter pessoal como um fato importante em nossa situação.

Personagem

Quando falamos de caráter, temos em mente coisas como nossas preferências e tentações individuais, bem como nossa santificação. Cada um de nós tem certos pontos fortes e fracos. E cada um de nós tem um relacionamento pessoal único com o Espírito Santo. E todos esses fatores influenciam nossa capacidade e inclinação para tomar decisões que honram a Deus.

Além de questões de caráter pessoal, devemos também considerar as experiências de cada indivíduo quando estamos tomando decisões éticas.

Experiências

Experiências pessoais são um pouco como impressões digitais. Todas as impressões digitais são constituídas por elevações da pele que formam padrões, como arcos e laçadas e espirais. E embora todos tenham impressões digitais compostas por esses elementos comuns, cada impressão digital é única.

E o mesmo acontece com nossas experiências. A maioria de nossas experiências é muito comum, mas a combinação de experiências é única para cada pessoa. Na categoria de nossas experiências, podemos incluir coisas como nossa hereditariedade, nossa maturidade, nossa educação, nossas oportunidades, nosso status e posição, e claro, tudo que pensamos, dizemos ou fazemos. E como características de nossa situação ética, essas experiências determinam parcialmente nossas responsabilidades morais.

Agora, em certo sentido, todos nós enfrentamos a mesma tentação, a saber, a tentação de violar a lei de Deus. Mas cada um de nós sente essa tentação de uma maneira diferente. Por exemplo, todos somos tentados a roubar, mas os detalhes específicos dessa tentação diferem para cada um de nós. E todos somos tentados sexualmente, mas as tentações específicas que enfrentamos variam de indivíduo para indivíduo. Então, quando nos aproximamos do tópico da ética cristã, precisamos reconhecer que cada um de nós luta uma batalha espiritual única. E os detalhes de nossas batalhas únicas são fatos importantes que precisamos considerar.

Por exemplo, em relação à nossa hereditariedade, todos devemos honrar nossos pais. Mas nem todos compartilhamos os mesmos pais. Pelo contrário, devemos honrar nossos próprios pais. E no que diz respeito à maturidade, a maneira como devemos

honrar nossos pais muda à medida que envelhecemos. Quando somos jovens, devemos honrá-los em grande parte obedecendo e respeitando-os. Quando amadurecemos e nossos pais são muito velhos, podemos precisar honrá-los de maneiras diferentes, como cuidar de suas necessidades físicas. Cada experiência nos apresenta responsabilidades consequentes que, de certa forma, são exclusivas para nós. E quando nos deparamos com questões éticas, estes são fatos importantes que precisamos considerar.

Com esses entendimentos de caráter e experiências pessoais em mente, devemos nos voltar para os fatos relacionados ao corpo humano e à influência que eles exercem em nossa situação ética.

Corpo

Há muitos fatos relacionados ao nosso corpo que entram em jogo em situações éticas, como nossa idade física, nossas habilidades e deficiências, nossa genética e nossas habilidades intelectuais. Por exemplo, em Deuteronômio 1:35-39 Deus distinguiu entre adultos e crianças em Israel desta maneira:

Ninguém desta geração má verá a boa terra que jurei dar aos seus antepassados, exceto Calebe,... [e] Josué... e as crianças ... os seus filhos que ainda não distinguem entre o bem e o mal, eles entrarão na terra. Eu a darei a eles, e eles tomarão posse dela (Deuteronômio 1:35-39).

Quando a nação de Israel se rebelou contra Deus no deserto, o Senhor condenou toda a geração adulta, com exceção de Josué e Calebe. Mas ele não condenou os filhos desta geração porque eles ainda não conheciam o bem do mal. Desta e de muitas outras maneiras, as Escrituras indicam que nossas obrigações éticas são parcialmente determinadas por nossa maturidade física e nossas habilidades intelectuais.

Mas as Escrituras também ensinam que alguns fatos relacionados ao nosso corpo não são suficientes para influenciar nossas obrigações éticas. Como o exemplo mais proeminente nas Escrituras, considere o fato de que o pecado habita nossos corpos, nos impedindo de sermos capazes de obedecer a Deus. No entanto, Deus não negligencia os pecados que cometemos como resultado desse problema que reside em nossos corpos. Ouça a descrição de Paulo desse problema em Romanos 7:18-24:

Nada de bom reside ... em minha carne ... No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo ... tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros ... Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? (Romanos 7:18-24).

O pecado que habita nosso corpo nos leva a pecar. Mas, como mostrou Paulo, a solução para esse dilema não é negar nossa culpa, mas clamar por um salvador.

E a relação entre genética e comportamento é semelhante a isso. Muitos cientistas sugeriram que há correspondências entre a genética, por um lado, e comportamentos

como a violência criminal, o alcoolismo e a homossexualidade, por outro. Assim, pode ser verdade que nossos genes, assim como o pecado interior, dificultam mais a obediência aos mandamentos do Senhor. No entanto, os mandamentos de Deus são normativos para nós. Assim, mesmo quando nossos corpos tornam fácil e natural que pequemos, eles não nos desculpam de pecados que a Bíblia claramente condena.

Agora que examinamos os fatos relacionados ao caráter, às experiências pessoais e ao corpo humano, estamos prontos para abordar o significado ético dos papéis que Deus atribuiu a cada um de nós.

Papéis

Cada um de nós tem vários papéis na vida. No mundo secular, muitas vezes preenchemos papéis como pai, filho, irmão, cônjuge, empregador, empregado e muitos outros também. Além disso, Deus chamou as pessoas para posições e empregos diferentes dentro da igreja, para que tenhamos presbíteros, diáconos, evangelistas, mestres e assim por diante. E se temos ou não uma posição na igreja, Deus dotou espiritualmente cada crente de maneiras diferentes, e ele espera que usemos nossos dons para ministrar aos nossos irmãos e irmãs em Cristo. E cada um desses papéis nos apresenta tentações e responsabilidades particulares.

Por exemplo, se somos ministros na igreja, é nossa responsabilidade governar, ensinar e reprovar o povo de Deus de uma maneira sábia e piedosa. Mas se somos crianças na igreja, estaríamos errados em assumir esse tipo de autoridade e comportamento. Como outro exemplo, considere o fato de que o Novo Testamento ensina adultos fisicamente aptos, e especialmente maridos e pais, a trabalhar para sustentar a si mesmos e suas famílias. Como Paulo escreveu em 1 Timóteo 5:8:

Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente (1 Timóteo 5:8).

Assim, podemos ver que é responsabilidade de algumas pessoas trabalhar para apoiar outras pessoas, especificamente aquelas que estão no papel de provedor da família. E, correspondentemente, quando somos encarregados de prover para nossas famílias, enfrentamos a tentação de evitar essa responsabilidade.

De um modo ou de outro, o mesmo é verdade para todos os outros papéis que preenchemos. Cada papel nos abre a tentações particulares e deposita em nós responsabilidades particulares, e, desse modo, cada papel é um fato importante e complexo em nossa situação ética.

Então, vemos que quando se trata de tomar decisões bíblicas, há muitos fatores que devemos levar em consideração, os quais estão relacionados à nossa própria existência como seres humanos, tanto como membros da sociedade que vivem uns com os outros, quanto como indivíduos vivendo com nós mesmos.

CONCLUSÃO

Nesta lição, delineamos as principais categorias de fatos que devemos ter em mente para responder às questões éticas de maneira bíblica. Nós identificamos uma série de fatos importantes sobre o próprio Deus, especialmente sua autoridade, controle e presença. Descrevemos os fatos que compõem a criação em geral, olhando para os domínios natural e preternatural. E nós consideramos a humanidade tanto no contexto da sociedade quanto no nível individual. Essas três categorias básicas nos dão um bom ponto de partida para a análise dos fatos de nossa situação ética.

Quando abordamos a ética a partir da perspectiva situacional, é extremamente importante que reconheçamos e prestemos contas de todos os fatos que influenciam nossas responsabilidades diante de Deus. O mais básico desses fatos é sempre a existência e o caráter de Deus, mas os fatos relacionados ao nosso entorno e a nós mesmos também nos impõem obrigações éticas. Assim, quanto mais fatos explicarmos, mais confiança podemos ter de que nossas escolhas éticas são verdadeiramente decisões bíblicas.